

Identities narratives in Harry Potter

Narrative identities in Harry Potter

Ada Cristina Machado Silveira

Doutora em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona; professora associada II do Departamento de Ciências da Comunicação, Programas de Pós-Graduação em Comunicação Midiática e Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: ada.machado@pq.cnpq.br

Janayna Barros

Jornalista e Mestranda em Comunicação Midiática pela UFSM – Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: janayna_barros@yahoo.com.br

Resumo

O artigo analisa a construção da identidade narrativa do personagem Harry Potter. A análise se dará a partir da personagem Minerva McGonagall. Analisamos, por meio do recorte de diálogos, a sua formação identitária, bem como a contribuição prestada por ela na formação identitária do personagem Harry Potter. Utilizamos, para isso, os estudos de Paul Ricoeur (1991), que se propõe pensar a identidade considerando a contribuição de outros e a temporalidade.

Palavras-chave: Harry Potter; dialética *ipse* e *idem*; identidades narrativas.

Abstract

The paper analyzes the construction of narrative identity of the character Harry Potter. The analysis focus on character Minerva McGonagall. We analyze, through the cutout of dialogues, her identity formation as well as the contribution made by her in the identity formation of Harry Potter. Hence, we use Paul Ricoeur (1991) studies, which proposes to think identity considering the contribution of others and temporality,

Keywords: Harry Potter; *ipse* and *idem* dialectic; narrative identities.

Identidades narrativas em Harry Potter

1. Introdução

Harry Potter, a saga composta por sete volumes, e escrita por Joanne Kathleen Rowling — J. K. Rowling — alcançou grandes índices de sucesso, não só no Brasil, como no mundo inteiro. Trata-se do típico *best seller*, em outras palavras, livro que obtém sucesso em grande escala com o público. No Brasil, os livros foram lançados entre os anos de 2000 e 2007: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; *Harry Potter e a Câmara Secreta*; *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*; *Harry Potter e o Cálice de Fogo*; *Harry Potter e a Ordem da Fênix*; *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* alcançaram grandes vendas. De acordo com reportagem da Agência Reuters, é estimado que a saga já vendeu 450 milhões de exemplares, mundialmente¹.

A sistematização de Harry Pross, conforme dissertada por Norval Baitello Jr. (2001), permite o enquadramento do livro enquanto mídia. Seu entendimento de que uma mensagem veiculada por meio de um suporte e que, sem a mediação do mesmo, ela não se difundiria, estabelece a possibilidade de reconhecer no livro os atributos do jornal impresso. Como aquele, ou mesmo as correspondências pessoais ou públicas, o livro instaura o que Pross refere como o tempo lento da comunicação.

A análise proposta neste artigo objetiva, em especial, a partir da formação identitária das mulheres retratadas por J. K. Rowling, compreender a formação do personagem principal, Harry Potter. Trabalhamos também com a hipótese de uma crítica social. O trabalho de Eliza T. Dresang (2002) traz essa perspectiva de crítica à sociedade na obra de J. K. Rowling. A autora relata que, apesar de na primeira aventura vivida com os amigos, a personagem Hermione² ter sido resgatada por eles, em todas as outras situações ela tem papel decisivo, pois toma decisões mais lógicas que os amigos. Ela também ressalta o fato de que as mulheres do mundo mágico, mais influentes na vida de Harry Potter, são de Grifinória (Hermione Granger, Minerva McGonagall e Molly Weasley), a casa dos que são dotados de coragem e prezam a amizade. Apesar dessa tentativa de dar espaço e valor às mulheres, Dresang (2002) aponta que sua opinião faz coro à de um fã da saga que disse:

O mundo mágico como retratado por JKR (J. K. Rowling) é um imagem irônica ou cópia da nossa própria sociedade. Não quero dizer que isso é a “mensagem” por trás de tudo [...] o mundo mágico está cheio de alusões, ironia e sátira sobre o nosso próprio mundo, é muito provável que espelhem os mecanismos e instituições sociais e opiniões que consideramos sexistas. E assim o é. O Ministério da Magia é dominado pelos homens. Porque nossos ministérios o são. Há poucas bruxas em posições de liderança em qualquer lugar porque é o mesmo no nosso mundo. É parte da representação irônica do mundo trouxa em seu paralelo, o mundo mágico (DRESANG, 2002, p. 237), tradução nossa).

Embora o paralelo tenha sido traçado, tanto dentro quanto fora das histórias, cabe-nos ainda compreender como estas mulheres agem e qual a sua influência sobre o personagem principal. Por motivos de delimitação, apresentamos apenas nossas análises acerca da personagem Minerva McGonagall.

A primeira parte do trabalho apresenta as questões teóricas apontadas por Paul Ricoeur (1991) a respeito de identidades narrativas, sua formação e a dialética ipse x idem, que diz respeito à questão da construção da identidade. A seguir, apresentamos o *corpus* de análise relativo à personagem Minerva McGonagall e, por fim, investimos nosso esforço na compreensão da importância desta personagem na formação identitária de Harry Potter.

2. A dialética ipse e idem e as identidades narrativas

No início de seus estudos sobre identidade narrativa, Paul Ricoeur (1991) se questionava se haveria uma estrutura que pudesse integrar as duas classes narrativas – a narrativa histórica e a narrativa de ficção. Em busca dessa integração, ele parte da noção identidade.

A identidade no sentido do idem emprega, ela própria, uma hierarquia de significações, do qual a permanência no tempo constitui o grau mais elevado, ao que se opõe o diferente sentido de mutável, variável. Nossa tese constante ser que a identidade no sentido ipse não implica nenhuma asserção concernente a um pretense núcleo não mutante da personalidade (RICOEUR, 1991, p. 12-13).

O si mesmo como um outro (1991) sugere que uma identidade “não se deixa pensar sem a outra, que uma passa bastante na outra” (RICOEUR, 1991, p. 14); Ricoeur (1991) não

¹ Agência de notícias Reuters Brasil. Disponível em: <http://br.reuters.com/article/entertainmentNews/idBRSPE82Q03J20120327>. Acesso em: 28 mar. 2012.

² Melhor amiga de Harry, uma personagem que tende a ser cumpridora das regras, mas ao longo da trama vai se mostrando como uma personagem revolucionária.

Identidades narrativas em Harry Potter

quer empregar o simples termo de forma semelhante, mas a ideia de si mesmo considerando o outro, como expõe na introdução do livro. O autor elabora a teoria de que o cruzamento das duas se daria na identidade narrativa. Uma história de vida é mais bem interpretada quando contada por aquele que a viveu, não é? E dessa forma, ao se aplicar o modelo de narrativa, ela não se torna mais inteligível? Ricoeur (1991) crê ser assim possível afirmar que:

A compreensão de si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa entre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada. [...] A questão do entrecruzamento entre história e ficção, de algum modo, desviava a atenção das dificuldades consideradas ligadas à questão da identidade como tal (RICOEUR, 1991, p. 138-139).

Segundo Ricoeur (1991), a lacuna de seus estudos anteriores encontrava-se na dimensão temporal, tanto do si quanto da própria ação. A ação depende de um agente, e esse agente tem sua própria história. Para articular a identidade pessoal é preciso articulá-la na “dimensão temporal da existência humana” (RICOEUR, 1991, p. 138). É por meio da teoria da narrativa que Ricoeur mostra a plena dialética entre mesmidade e ipseidade.

De acordo com Adriana Stürmer (2008, p. 14-15), a mesmidade implica o indivíduo permanecer o mesmo ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações sofridas ou provocadas — a ipseidade. Evoca-se, portanto, os dois termos: a identidade como mesmidade, e a identidade como ipseidade. Ricoeur afirma que não se pode tomar uma pela outra, e não se pode ignorar a dimensão da narrativa, pois é dessa forma que falham os estudos que tentam explicar as diferenças entre as identidades.

A questão da temporalidade, inicialmente, parece se aplicar apenas a identidade-idem. “A mesmidade é um conceito de relação e uma relação de relações” (RICOEUR, 1991, p. 140). A continuidade no tempo é tomada numa série de pequenas mudanças que, apesar de ameaçar a semelhança, não a destrói. É dessa maneira que se faz possível reconhecer alguém ao longo da vida. O tempo, segundo o autor, é fator de dessemelhança, afastamento. Ao abordar o caráter, Ricoeur (1991) sugere que a identidade narrativa intervém na constituição da identidade pessoal

à moda de uma mediação específica entre o polo do caráter, em que idem e ipse tendem a coincidir, e o polo da manutenção de si, em que a ipseidade liberta-se da mesmidade (RICOEUR, 1991, p. 143).

O caráter é um elemento importante na nossa análise, e para Ricoeur (1991), caráter é entendido como um conjunto de distintas marcas, as quais permitem que se reidentifique um determinado indivíduo como o mesmo. Esse indivíduo acumula uma série de traços e qualidades que, em conjunto com a permanência no tempo, faz com que o caráter designe a mesmidade da pessoa. Para o autor, o caráter é um

conjunto de disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa. É por essa razão que o caráter pode constituir o ponto limite em que a problemática do ipse torna-se indiscernível da do idem e leva ao distinguir entre uma e outra (RICOEUR, 1991, p. 146).

A questão do hábito, seja ele já adquirido ou contraído³, que se torna disposição durável, constitui um traço do caráter, e é essa sedimentação que confere ao caráter a permanência no tempo, que Ricoeur (1991) interpreta como o recobrimento do ipse pelo idem. Cada um desses traços em questão (traços de caráter) torna possível identificar uma pessoa, novamente, como a mesma, e o caráter, segundo o autor, não será outra coisa que não o conjunto desses signos (traços) distintivos. “O caráter é verdadeiramente ‘o quê?’ do ‘quem?’” (RICOEUR, 1991, p. 147). Podemos tomar como exemplo um traço do personagem Harry Potter, o descumprimento de regras, ao longo de todas as histórias. É possível perceber esse traço se repetindo, sendo, até mesmo, incentivado por outros personagens e, portanto, tornando-se um traço permanente.

Essas identificações que são adquiridas tornam possível a entrada do outro na composição do mesmo. De modo geral, a identidade de uma pessoa é feita na base das “identificações com valores, normas, ideais, modelos, heróis” (RICOEUR, 1991, p. 147). No caso da identificação com o modelo heroico, manifesta-se a alteridade, a manifestação de valores que fazem pôr uma “causa” acima da própria vida, a lealdade incorpora-se ao caráter, transformando-se em fidelidade.

Aqui os polos de identidade se compõem. Isso prova que não podemos pensar até o fim o idem da pessoa sem o ipse, mesmo quando um recobre o outro. [...]

³ Entendendo a mudança como algo transitório e o hábito como permanente, Ravaisson explica que o hábito já adquirido é aquele que é consequência de uma mudança, e o hábito contraído é aquele que se mantém mesmo à parte de mudança (1984, *apud* RICOEUR, 1991).

Identities narrativas em Harry Potter

Isso se faz por um processo paralelo de assimilação de um hábito, a saber, pela interiorização que anula o efeito inicial da alteridade ou pelo menos leva-o de fora para dentro (RICOEUR, 1991, p. 147).

Para Ricoeur (1991), a dialética da inovação e da sedimentação, subentendida no processo de identificação, serve para lembrar que o caráter tem uma história. Para o autor, a verdadeira natureza da identidade narrativa só se revela na dialética da ipseidade e da mesmidade.

Na sequência de seus estudos, Ricoeur (1991) toma um passo decisivo na “direção de uma concepção narrativa da identidade pessoal” (RICOEUR, 1991, p. 170), ao deixar a ação e tomar o personagem como foco, definindo personagem também como uma categoria narrativa. A questão cerne é saber o que a categoria narrativa do personagem leva para a discussão da identidade pessoal.

É necessário levar em conta, e isso já é da nossa própria compreensão, segundo Ricoeur (1991), “de que as narrações são acerca de agentes e pacientes” (RICOEUR, 1991, p. 172). Ou seja, há personagens que agem (agentes) e aqueles que são afetados por uma série de acontecimentos relatados, os pacientes. Personagens que são impelidos pela ação de outros.

[...] eis o princípio organizador de toda uma série de papéis de paciente segundo a qual a ação exercida é uma influência, um melhoramento ou uma deterioração, uma proteção ou uma frustração. Um enriquecimento extraordinário na noção de papel diz respeito à introdução dessa última no campo das valorizações por meio das transformações que acabamos de dizer, depois no das retribuições, onde o paciente aparece como beneficiário dos méritos ou vítima dos deméritos, segundo o qual o agente revela-se paralelamente distribuidor de recompensas ou punições (RICOEUR, 1991, p. 173).

Ricoeur (1991) reforça que não faz mal lembrar a maneira como a estrutura narrativa vai reunir os dois processos de intriga – ação e personagem. Nesse ponto, as perguntas quem?, o quê?, como?, sob uma visão sintagmática, têm como “respostas a essas questões formam uma cadeia que não é outra que não o encadeamento da narrativa” (RICOEUR, 1991, p. 174).

Da correlação entre ação e personagem vai resultar a dialética interna da personagem, que vem a ser a exata decorência da dialética de concordância e discordância que é desenvolvida pela intriga da ação.

A dialética consiste em que, segundo a linha da concordância, a personagem tira sua singularidade da unidade de sua vida tida como a própria totalidade temporal singular que o distingue de qualquer outro. Conforme a linha da discordância, essa totalidade temporal é ameaçada pelo efeito de ruptura dos acontecimentos imprevisíveis que a pontuam (encontros, acidentes etc.); a síntese concordante-discordante faz com que a contingência do acontecimento contribua para a necessidade de algum modo retroativa da história de uma vida, ao que se iguala a identidade da personagem. Assim o caso é transmutado em destino. E a identidade do personagem que, podemos dizer, intriga, só se permite compreender sob o signo dessa dialética (RICOEUR, 1991, p. 175).

Tendo em mente essa dialética da concordância discordante do personagem, Ricoeur (1991) afirma que é preciso inscrevê-la na dialética da mesmidade e da ipseidade. Isso se faz necessário visto que essa concordância discordante se confronta com a noção de permanência no tempo que se liga à noção de identidade. Ou seja, trata-se de demonstrar:

[...] como a dialética do personagem vem inscrever-se no intervalo entre esses dois polos da permanência no tempo para fazer mediação entre eles. Essa função mediadora que a identidade narrativa do personagem exerce entre os polos da mesmidade e ipseidade é essencialmente confirmada pelas variações imaginativas às quais a narrativa submete a identidade (RICOEUR, 1991, p. 176).

Logo após abordar essas variações, Ricoeur (1991) parte para as noções de prática e afirma que para Max Weber “as práticas repousam em ações as quais um agente leva em consideração pelo princípio da ação de outros” (1971, *apud* RICOEUR, 1991). Em outras palavras, levar em consideração, referir-se a, segundo Ricoeur (1991), é a forma mais ampla de englobar a imensidão “das relações de interação que encontramos nessas unidades de ação que são as práticas” (RICOEUR, 1991, p. 184).

Ao tratar sobre a noção de “unidade narrativa da vida,” Ricoeur (1991) chama a atenção para o fato da instabilidade entre fabulação e experiência de vida, e que devido ao caráter evasivo da vida real recorreremos ao auxílio da ficção para traçar certos contornos, como é o caso, por exemplo, da explicação sobre a morte. Nesse pensamento, as narrativas literárias e histórias de vida, como expõe o autor, estão longe de ser excludentes, se completam. “Essa dialética nos lembra que a narrativa faz parte da vida antes de se exilar da vida na escrita; ela volta à vida segundo as múltiplas vias da apropriação” (RICOEUR, 1991, p. 193).

Identidades narrativas em Harry Potter

Ricoeur (1991) questiona-se ao final do estudo VI onde estaria situada a identidade narrativa considerando-se o espectro de variações que há entre o polo de “ipseidade e mesmidade do caráter” e o da “pura ipseidade da manutenção se si”? A resposta por ele dada é de que a identidade narrativa vai se manter entre as duas.

3. Minerva McGonagall – identidade e dialética em ação

Minerva McGonagall: professora de Transfiguração, vice-diretora da Escola de Bruxaria e Magia de Hogwarts. Capaz de se transfigurar num gato, é uma professora severa e disciplinadora, e também é diretora da Grifinória (casa para a qual Harry é selecionado). Não é casada e em momento nenhum da trama se menciona a sua família.

A seguir, apresentamos trechos dos livros de J. K. Rowling. Porém, deve-se ter em mente que os recortes aqui mostrados não podem ser tomados de forma isolada de seu contexto. Tomamos por base os pressupostos de Ricoeur (1991) apresentados na primeira parte deste trabalho. Assim, a análise das identidades narrativas femininas e sua contribuição na formação da identidade de Harry Potter inicia pelo fato de que o personagem principal não é um personagem agente, ao contrário do que se possa pensar. Se analisarmos a maneira como se dá ação na narrativa elaborada por J. K. Rowling, Harry é impelido por outros a agir, e tal como um personagem passivo, segundo Ricoeur, será o beneficiário dos méritos ou vítima dos deméritos.

Para a análise da personagem, professora Minerva McGonagall, tomamos seis passagens como base:

3.1 Primeiro livro – Harry Potter e a pedra filosofal

3.1.1 A chegada de Harry a Hogwarts

A porta abriu-se de chofre. E apareceu uma bruxa alta de cabelos negros e vestes verde-esmeralda. Tinha o rosto muito severo e o primeiro pensamento de Harry foi que era uma pessoa a quem não se devia aborrecer. [...]

Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior número de pontos receberá a Taça da Casa, uma grande honra. Espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa a qual vier a pertencer (ROWLING, 2000, p. 101-102).

3.1.2 Harry, apanhador mais novo do século

Ele perdeu a animação mais depressa do que quando mergulhara. A profa. Minerva vinha correndo em direção à turma. Ele se levantou tremendo.

— Nunca... Em todo o tempo que estou em Hogwarts...

A profa. Minerva quase perdeu a fala de espanto e seus óculos cintilavam sem parar, ‘... como é que você se atreve... podia ter partido o pescoço...’ [...]

A profa. Minerva parou à porta de uma sala de aula. Abriu a porta e meteu a cabeça para dentro.

— Com licença, professor Flitwick, posso pedir o Wood emprestado por um instante?

Wood? pensou Harry, intrigado, Wood seria alguma coisa que ela ia usar para castigá-lo?

Mas Wood afinal era uma pessoa, um menino forte do quinto ano, que saiu da sala de Flitwick parecendo confuso.

— Vocês dois me sigam — disse a profa. Minerva, e continuaram todos pelo corredor, Wood examinando Harry com curiosidade.

— Entrem.

A profa. Minerva indicou uma sala de aula que estava vazia [...]

— Harry Potter, este é Olívio Wood. Olívio... Encontrei um apanhador para você.

A expressão de Olívio mudou de confusão para prazer.

— Está falando sério, professora?

— Seríssimo — resumiu a profa. Minerva. — O menino tem um talento natural. Nunca vi nada parecido. Foi a primeira vez que montou numa vassoura, Harry?

Harry confirmou com a cabeça. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas parecia que não estava sendo expulso, e começou a recuperar um pouco da sensibilidade nas pernas. [...]

— Vou conversar com o professor Dumbledore e ver se podemos contornar o regulamento para o primeiro ano. Deus sabe que precisamos de um time melhor do que o do ano passado. Esmagado naquele último jogo contra os sonserinos. Mal consegui encarar Severo Snape no rosto durante semanas...

A profa. Minerva espiou Harry com severidade por cima dos óculos.

— Quero ouvir falar que você está treinando com vontade, Potter, ou posso mudar de ideia quanto ao castigo que merece.

Então, inesperadamente, ela sorriu.

Identidades narrativas em Harry Potter

— Seu pai teria ficado orgulhoso. Era um excelente jogador de Quadribol (ROWLING, 2000, p. 131-133).

A primeira passagem tomada, “A chegada de Harry a Hogwarts”, mostra traços de autoridade explícitos no caráter da professora, pois ela é clara ao avisar que os alunos são compensados por seus méritos e punidos por seus deméritos, indicando novamente a afirmação feita no início da análise, de que Harry é um personagem paciente.

Logo no diálogo seguinte, percebemos um fato muito interessante sob o ponto de vista da identidade narrativa. A professora flagra Harry descumprindo regras. Seus traços e suas palavras denotam que o garoto sofrerá as consequências de seus atos. Embora pareça isso, o que de fato acontece é que ela deixa a ipseidade recobrir a mesmidade. Ela torna Harry o apanhador do time de sua casa (Grifinória) e, com essa atitude, ela começa a sedimentação de um traço do caráter de Harry, o descumprimento de regras é normal, bem como a bonificação por esse descumprimento.

3.2 Quarto livro – Harry Potter e o cálice de fogo

3.2.1 Minerva enfrenta Moody

— Enlouqueci, eu? — a voz de Moody se alteou descontrolada. — Veremos! Veremos quem enlouqueceu, agora que o Lord das Trevas voltou, comigo ao seu lado! Ele voltou, Harry Potter, você não o derrotou, e agora, eu derroto você!

Moody ergueu a varinha, abriu a boca, Harry mergulhou a mão nas vestes...

— *Estupefaça!* — Houve um lampejo ofuscante de luz vermelha, e, com grande fragor de madeira estilhaçada, a porta da sala de Moody rachou ao meio... Moody foi atirado de costas ao chão. Harry, ainda fitando o lugar em que estivera o rosto de Moody, viu Alvo Dumbledore, o professor Snape e a professora McGonagall mirando-o do Espelho-de-Inimigos. O garoto virou-se para os lados e viu os três parados à porta, o diretor à frente, a varinha em punho. Naquele momento, Harry compreendeu totalmente, pela primeira vez, por que as pessoas diziam que Dumbledore era o único bruxo que Voldemort temia. A expressão no rosto dele quando olhou para a forma inconsciente de Olho-Tonto Moody era mais terrível do que Harry poderia jamais imaginar.

Não havia sorriso bondoso no rosto do diretor, não havia cintilação nos olhos atrás dos óculos. Havia uma fúria gelada em cada ruga daquele rosto velho,

ele irradiava uma aura de poder como se Dumbledore desprendesse um calor de brasas vivas.

O diretor entrou na sala, enfiou um pé sob o corpo inconsciente de Moody e virou-o de barriga para cima, de modo que seu rosto ficasse visível. Snape entrou em seguida, olhando o Espelho-de-Inimigos, no qual seu próprio rosto ainda era visível, examinando a sala. A professora McGonagall dirigiu-se imediatamente a Harry.

— Vamos, Potter — sussurrou ela. A linha fina de seus lábios tremia como se ela estivesse à beira das lágrimas. — Vamos... Ala hospitalar...

— Não — disse Dumbledore energeticamente.

— Dumbledore, ele precisa, olhe só para ele, já sofreu bastante esta noite...

— Ele fica Minerva, porque precisa compreender — respondeu o diretor secamente. — Compreender é o primeiro passo para aceitar, e somente aceitando ele pode se recuperar. Precisa saber o que o fez passar pela provação desta noite e o porquê. (ROWLING, 2001, p. 539-540).

No quarto livro, o diálogo recortado “Minerva enfrenta Moody” a coloca num ponto muito próximo de Molly Weasley. A professora tem o instinto (traço, hábito) de proteger Harry, seu primeiro impulso é tirá-lo da sala, Dumbledore a impede. Vemos a mesmidade de Dumbledore (deixar que Harry descubra e vivencie os fatos) em confronto com a mesmidade da professora e, por consequência, com a mesmidade de Harry (personagem paciente), uma vez que aquele fato jamais teria ocorrido se o professor não tivesse permitido a participação de Harry no torneio. A infração das regras se reforça em Harry. Outra vez, prova-se que Harry é um personagem paciente sob o ponto de vista de Ricoeur, já que a decisão de participar do torneio não foi escolha sua, portanto, todas as consequências desse fato só vão reforçar essas prerrogativas.

3.3 Quinto livro – Harry Potter e a Ordem da Fênix

3.3.1 Muitos pontos para se tirar alguns

— Potter!

A voz ecoou pelo saguão de entrada. Snape aparecera no alto da escada que levava ao seu escritório e, ao vê-lo, Harry sentiu um grande assomo de ódio que superou qualquer sentimento em relação a Malfoy... Dumbledore dissesse o que dissesse, ele jamais perdoaria Snape... jamais...

— Que está fazendo, Potter? — interpelou-o Snape, frio como sempre, ao caminhar decidido para os quatro meninos.

Identidades narrativas em Harry Potter

— Estou tentando me decidir que feitiço lançar no Malfoy, professor — disse com ferocidade.

Snape encarou-o.

— Guarde essa varinha agora — disse secamente.

— Dez pontos a menos para Grif...

Snape olhou para as gigantescas ampuhetas nas paredes e sorriu com desdém.

— Ah, estou vendo que não restaram pontos na ampuheta da Grifinória para se subtrair nada. Neste caso, Potter, teremos simplesmente de...

— Acrescentar mais alguns?

A profa. McGonagall acabara de subir mancando os degraus de entrada do castelo; trazia uma maleta de tecido escocês em uma das mãos e se apoiava pesadamente em uma bengala com a outra, mas de outro modo parecia bastante bem.

— Profa. McGonagall! — exclamou Snape, se adiantando. — Vejo que teve alta do St. Mungus!

— Tive, prof. Snape — disse ela, tirando a capa de viagem com um trejeito de ombro. Estou quase nova. Vocês dois... Crabbe... Goyle...

Com gesto autoritário, ela mandou que os garotos se aproximassem e eles obedeceram, desajeitados, arrastando os enormes pés.

— Tomem — disse a professora, atirando a maleta no peito de Crabbe e a capa no de Goyle: — levem isso para o meu escritório.

Eles se viraram e se foram escada acima.

— Muito bem, então — disse a profa. McGonagall, olhando para as ampuhetas na parede. — Bom, acho que Potter e seus amigos devem receber cada um cinquenta pontos por alertarem o mundo para o retorno de Você-Sabe-Quem! Que é que o senhor diz, professor?

— Quê? — retorquiu Snape, embora Harry soubesse que ele ouvira perfeitamente. — Ah... bom... suponho...

— Então, são cinquenta pontos para Potter, para os dois Weasley, para Longbottom e a srta. Granger

— e uma chuva de rubis desceu para a bolha inferior na ampuheta da Grifinória enquanto ela falava.

— Ah... e cinquenta pontos para a srta. Lovegood, suponho — acrescentou, e o número mencionado de safiras caiu na ampuheta da Corvinal. — Agora, o senhor queria descontar dez pontos do sr. Potter, prof. Snape... então aí estão...

Alguns rubis voltaram ao bulbo superior, mas deixaram embaixo uma respeitável quantidade (ROWLING, 2003, p. 688-689).

professora Minerva intervém na situação. Snape iria tirar pontos de Harry por tentar pensar em lançar um feitiço contra Malfoy. Todos, fatos que sedimentam Harry, já que é da sua mesmidade as desavenças com Snape e Malfoy, bem como a sua aversão aos dois. A professora resolve abonar os feitos de Harry e seus amigos em relação a Voldemort. A professora, apesar de saber que Harry e os amigos descumpriram inúmeras regras, sedimenta neles esse traço de caráter e continua a ignorar sua rigidez inicial e mostrar o seu *ipse* em ação, pois também está sedimentando em si o não cumprir regras como um traço. Outra vez como personagem paciente, Harry será beneficiário e sofredor dos atos que a trama o leva a cometer.

3.4 Sexto livro – Harry Potter e o enigma do príncipe

3.4.1 Malfoy não é culpado

Harry levantou a cabeça. De fato, a professora vinha ao seu encontro descendo, ligeira, os degraus de pedra da entrada em um redemoinho de granizo.

— Hagrid diz que vocês quatro viram o que aconteceu com a Cátia Bell... já para a minha sala, por favor! Que é isso que você está levando, Potter?

— É a coisa que ela segurou.

— Santo Deus! — exclamou a professora, parecendo alarmada ao tomar o colar de Harry.[...]

— Então? — disse com rispidez. — Que aconteceu? [...]

— Muito bem — disse a profa. McGonagall, quase bondosamente —, suba à ala hospitalar, por favor, Liane, e peça a madame Pomfrey para lhe dar alguma coisa para o choque.

Quando a garota se retirou, a profa. McGonagall voltou sua atenção para Harry, Rony e Hermione.

— Que aconteceu quando Cátia tocou o colar?

— Ela subiu no ar — respondeu Harry, antes que os outros dois pudessem falar. — E então começou a berrar e perdeu os sentidos. Professora, posso ver o prof. Dumbledore, por favor?

— O diretor estará ausente até segunda-feira, Potter — informou ela, parecendo surpresa.

— Fora? — repetiu ele com raiva.

— É, Potter, fora! — enfatizou a professora com sarcasmo. — Mas qualquer coisa que você tenha a dizer sobre este horrível incidente certamente poderá ser dito a mim!

Por uma fração de segundo, Harry hesitou. A profa. McGonagall não inspirava confidências; embora Dumbledore fosse, sob muitos aspectos, assustador, parecia menos inclinado a desprezar uma teoria, por mais mirabolante que fosse. Mas era uma questão

O diálogo recortado do quinto livro mostra Harry prestes a ser punido por Severo Snape, momento em que a

Identidades narrativas em Harry Potter

de vida ou morte, e não era hora de se preocupar que rissem dele.

— Acho que Draco Malfoy deu aquele colar à Cátia, professora.

A um lado dele, Rony coçou o nariz visivelmente constrangido; do outro, Hermione arrastou os pés como se quisesse dar distância entre ela e Harry.

— É uma acusação muito séria, Potter — disse a profa. McGonagall, depois de uma pausa escandalizada. — Você tem alguma prova?

— Não, mas... — e ele contou que seguira Malfoy à Borgin & Burkes e escutara a conversa entre o garoto e Borgin.

Quando terminou de falar, a profa. McGonagall parecia estar ligeiramente confusa. [...]

— Já chega — disse a profa. McGonagall, quando Hermione abriu a boca para retorquir, furiosa. — Potter, eu agradeço ter me contado isso, mas não podemos acusar Malfoy simplesmente porque ele visitou a loja onde o colar poderia ser comprado. Isto provavelmente se aplicaria a centenas de pessoas...

— ... foi o que eu falei — murmurou Rony.

— ... e, seja como for, este ano implantamos medidas de segurança rigorosas na escola, não creio que o colar pudesse ter entrado sem o nosso conhecimento... — ... mas...

— ... e além disso — disse a profa. McGonagall com um ar inabalável, — o sr. Malfoy não esteve em Hogsmeade hoje. Harry olhou-a boquiaberto e menos seguro.

— Como é que a senhora sabe, professora?

— Porque ele estava cumprindo uma detenção comigo. É a segunda vez seguida que não termina os deveres de casa. Portanto, obrigada por ter me contado suas suspeitas, Potter — concluiu passando decidida pelos três — mas preciso ir à ala hospitalar me informar sobre Cátia Bell. Bom dia para todos.

Ela segurou aberta a porta da sala. Os garotos não tiveram escolha senão sair calados (ROWLING, 2005, p. 198-201).

No diálogo, “Malfoy não é culpado”, recortado do sexto livro é enfatizada a severidade da profa. Minerva, ao mesmo tempo que mostra a indiferença às acusações que Harry faz. De acordo com o percurso mostrado no capítulo anterior, ela é indiferente, não irá punir Harry pela acusação infundada e severa, pois não leva em conta o que lhe é falado em função de conhecer o paradeiro de Malfoy no momento do ataque. Sua mesmidade e ipseidade caminham lado a lado neste momento, e confrontam a mesmidade de Harry, há tentativa de ruptura, mas ele se mantém mesmo considerando os outros, como explica Ricoeur.

3.5 Sétimo livro – Harry Potter e as relíquias da morte

3.5.1 Minerva abre caminho para Potter

Em uma parte distante do cérebro de Harry, a parte ligada à cicatriz que ardia furiosamente, ele viu Voldemort navegando veloz sobre o lago escuro no fantasmagórico barco verde... estava quase chegando à ilha onde se achava a bacia de pedra...

— Você tem que fugir — sussurrou a profa. McGonagall.

— Agora, Potter, o mais rápido que puder!

— Não posso. Tem uma coisa que preciso fazer. Professora, a senhora sabe onde está o diadema de Rowena Ravenclaw?

— O d-diadema de Ravenclaw? Claro que não... não está perdido há séculos? — Ela se empertigou na poltrona. — Potter, foi loucura, absoluta loucura, entrar no castelo...

— Fui obrigado. Professora, há uma coisa escondida aqui que tenho de encontrar, e poderia ser o diadema... preciso... se eu pudesse ao menos falar com o prof. Flitwick...[...]

— Potter — disse a professora, virando-se para ele com soberba indiferença ao problema dos dois irmãos, — Se Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado tiver certeza que você está aqui...

Quando McGonagall disse isso, uma cólera que semelhava a uma dor física perpassou Harry, ateando fogo à sua cicatriz, e, por um segundo, ele contemplou a bacia cuja poção se tornara transparente e viu que não havia medalhão algum guardado sob sua superfície...

— Potter, você está bem? — disse uma voz, e Harry voltou: estava segurando o ombro de Luna para não cair.

— O tempo está se esgotando, Voldemort está se aproximando. Professora, estou cumprindo ordens de Dumbledore, preciso encontrar o que ele queria que eu encontrasse! Mas temos que fazer os alunos saírem enquanto estivermos vasculhando o castelo: sou eu que Voldemort quer, mas tanto faz para ele matar mais ou menos gente, não agora...

— Não agora que ele sabe que estou atacando Horcruxes, Harry completou a frase mentalmente.

— Você está cumprindo ordens de Dumbledore?

— indagou ela com uma expressão de crescente assombro. Então apumou-se ao máximo. — Vamos proteger a escola contra Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado enquanto você procura esse... esse objeto.

— É possível?

— Acho que sim — disse ela secamente. — Nós, professores, somos muito bons em magia, sabe.

Identidades narrativas em Harry Potter

Tenho certeza de que poderemos mantê-lo à distância por algum tempo, se empenharmos nisso nossos melhores esforços. Naturalmente, teremos que fazer alguma coisa a respeito do prof. Snape... [...]

— Quem está aí?

— Sou eu — disse uma voz baixa.

De trás de uma armadura, saiu Severo Snape [...] Snape encarou-a nos olhos.

— Você viu Harry Potter, Minerva? Porque se viu, devo insistir...

A profa. McGonagall se mexeu mais rápido do que o garoto teria acreditado: sua mão cortou o ar e, por uma fração de segundo, Harry pensou que Snape fosse desmontar inconsciente, mas a rapidez do Feitiço Escudo que o professor lançou foi de tal ordem que McGonagall se desequilibrou. Ela brandiu a varinha para um archote e o objeto saiu voando do suporte da parede: Harry, que ia lançar um feitiço contra Snape, foi forçado a puxar Luna do caminho das labaredas que desceram e formaram um círculo de fogo que encheu o corredor e deslizou pelo ar como um laço contra Snape...

No momento seguinte não era mais fogo, mas uma grande cobra preta que McGonagall explodiu em fumaça, e tornou a se juntar e solidificar em segundos, transformando-se em um enxame de adagas que perseguiram Snape; ele só conseguiu evitá-las empurrando uma armadura à sua frente e, retinindo sonoramente, as adagas afundaram uma a uma no peito de metal...

— Minerva! — chamou uma voz fina e, ao olhar para trás, ainda protegendo Luna dos feitiços que voavam, Harry viu os profs. Flitwick e Sprout em roupas de dormir, correndo pela passagem ao encontro deles, com o enorme prof. Slughorn ofegando em seu encalço.

— Não! — guinchou Flitwick, erguendo a varinha.

— Você não vai matar mais ninguém em Hogwarts! O feitiço de Flitwick atingiu a armadura atrás da qual Snape se abrigara: com estrépito, ela ganhou vida. Snape desvencilhava-se dos braços da armadura que o esmagavam e arremessou-a contra os seus atacantes. Harry e Luna precisaram mergulhar de lado para evitar a armadura, que colidiu com a parede e se espatifou. Quando Harry tornou a erguer os olhos, Snape fugia embalado, McGonagall, Flitwick e Sprout perseguiam-no em tropel: Snape se precipitou pela porta de uma sala de aula e, momentos depois, Harry ouviu McGonagall gritar: — Covarde! COVARDE!

— Que aconteceu, que aconteceu? — perguntou Luna.

Harry ajudou-a a se levantar e os dois dispararam pelo corredor, arrastando a Capa de Invisibilidade atrás deles, e entraram em uma sala de aula vazia onde os profs. McGonagall, Flitwick e Sprout estavam parados perto de uma janela quebrada.

— Ele saltou — disse a profa. McGonagall, quando Harry e Luna entraram.

— A senhora quer dizer que ele está morto? — Harry correu à janela, sem dar atenção aos berros assustados de Flitwick e Sprout ao verem-no subitamente aparecer.

— Não, ele não está morto — lamentou McGonagall.

— Ao contrário de Dumbledore, ele tinha a varinha na mão... e, pelo jeito, aprendeu alguns truques com o seu mestre (ROWLING, 2007, p. 461-466).

O sétimo e último livro traz um recorte do momento decisivo da trama, “Minerva abre caminho para Potter” mostra a professora assumindo seu posto de combatente. Harry, que perante a ordem vigente é infrator (Voldemort comanda o Ministério), está em Hogwarts para encontrar o último objeto transformado em Horcruxes. A professora se põe na linha de frente, mostrando que definitivamente sua ipseidade (indiferença às infrações) é predominante à mesmidade (cumprimento das regras), e com esta atitude ela põe a pedra final na sedimentação deste traço do caráter de Harry. Assim, a mesmidade se desvencilha da ipseidade em Harry definitivamente.

4. Considerações finais

Ao considerarmos a análise das passagens da personagem Minerva McGonagall sob a égide de Paul Ricoeur (1991) para a formação da identidade narrativa do personagem Harry Potter, não há indícios de que ela consiga romper com a mesmidade de Harry. Percebemos que, independentemente da identidade narrativa adotada pela personagem, seja ela a mesmidade ou ipseidade em relação a Harry, em momento algum ela consegue a ruptura, apenas o sedimenta mais.

E é possível verificar as proposições de Eliza T. Dresang (2002) ao apontar que J. K. Rowling está nos dando um espelho para olharmos nossa sociedade. Observamos que o mundo *trouxa* (ou no nosso mundo real) é a mesmidade, onde tudo sempre é regido pelos homens, e o mundo *mágico*, embora ainda traga traços da mesmidade, será a ipseidade, pois retrata mulheres mais decididas e mais fortes, embora ainda não totalmente detentoras de cargos importantes, como o exemplo trazido neste trabalho, Minerva McGonagall.

Identidades narrativas em Harry Potter

Referências

BAITELLO JR, N. *O tempo lento e o espaço nulo*. Mídia primária, secundária e terciária. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/10-o-tempo-lento-e-o-espaco-nulo-midia-primaria-secundaria-e-terciaria.html>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

COLLETT-WHITE, Mike. Livros de Harry Potter são disponibilizados em formato e-book. *Agência Reuters*, Londres, 27 mar. 2012. Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/entertainmentNews/idBRSPE82Q03J20120327>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

DRESANG, Eliza T. Hermione Granger and the heritage of gender. In: *The Ivory Tower and Harry Potter*. Organização: Lana A. Whited. Columbia, US: Missouri, 2002.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução: Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Papirus, 1991.

_____. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Harry Potter e o cálice de fogo*. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Tradução: Lya Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

STÜRMER, Adriana. *Mídia e identidade discursiva: a dialética idem x ipse na produção televisiva local*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.